

/COTIDIANO

*Animais resgatados (como a cadelinha desta foto) são capazes de demonstrar imensa gratidão por seus donos, dizem os tutores*



## Quatro histórias de amor

*A convivência com animais deixa marcas profundas na vida dos seres humanos. É impossível não se emocionar com os relatos de quem, de alguma forma, escolheu amá-los*

POR

NAYÚ FERNANDES e PLÍNIA FERREIRA

Ainda existem pessoas dispostas a fazer o bem. É com essa frase que iniciamos nossa matéria. Fomos em busca de protetores e também donos de animais que dedicam parte de suas vidas aos cuidados desses seres tão inocentes e frágeis. Contaremos quatro histórias emocionantes para mostrar como existem pessoas que, mesmo diante de diversas dificuldades, reservam parte de suas vidas à proteção de animais indefesos e desabrigados; conhecemos também donos de animais que deles cuidam com muito amor e carinho e recebem de volta, em dobro, por parte dos bichinhos, tudo o que empenham nesses cuidados. Em nossa busca, ouvimos quase que de todas as fontes que a sensação de gratidão no olhar

desses animais é imensa e, sem dúvida, trata-se de amor verdadeiro, incondicional.

Nossa primeira personagem é Emanuelle Amorim Elias, de 35 anos, dez dos quais dedicados à proteção de animais em situação de abandono. Ela diz já ter perdido as contas de quantos foram os resgatados até hoje. Geralmente, quando os animais chegam até ela, estão debilitados e doentes, e, com todo amor, carinho e muito esforço, a protetora consegue recuperar a maioria. “Faço tudo de forma independente, não há ajuda financeira governamental, por exemplo. Por já ser conhecida nesse meio e ter contato com vários médicos veterinários, consigo algum desconto no atendimento dos animais, mas isso nem sempre acontece”, relata.

## Solidariedade

Emanuelle lembra um dos casos que chegou até o seu conhecimento por meio de uma rede social: uma cadelinha com histórico de câncer, um tumor já em estágio avançado. A protetora afirma que foi necessário fazer rifas para cobrir toda a despesa hospitalar e os exames da cachorrinha. “Ela estava bem debilitada, tinha o olhar triste, sofria bastante com o tumor no abdômen”, recorda. Na maior parte dos casos, logo após a recuperação, Emanuelle disponibiliza o animalzinho para adoção, mas nesse, em específico, ela fez diferente: preferiu manter a cadelinha aos seus cuidados, já que a saúde dela estava bem fragilizada.

“Hoje ela está recuperada e mais feliz do que nunca”, conta Emanuelle, mostrando fotos da cadelinha, que, além de adorar uma câmera, brinca com os filhos da cuidadora, alegre a casa e é um dos xodós da família – realidade bem diferente de quando chegou.

Sem ajuda do poder público ou de instituições privadas, os protetores de animais contam com a solidariedade para seguir na sua missão. Além das rifas e leilões feitos frequentemente pelas redes sociais, protetores e simpatizantes da causa estão sempre se ajudando com relação à comida e medicamentos, de forma independente, e acabam se amparando mutuamente.

### Abandono

Emanuelle Elias lamenta que, infelizmente, ainda existam pessoas que se disponham a adotar animais para abandoná-los mais



*A cadelinha com um tumor, com saúde frágil, resgatada pela protetora Emanuelle Elias, acabou permanecendo com ela e sua família. Recuperada, virou o ‘xodó’ da casa*

tarde ou, então, para não oferecer os devidos cuidados que eles precisam – uma prática, segundo a protetora, cada vez mais comum, e que atrapalha o trabalho de quem faz os resgates e acolhe os animais. “Esses animais acabam voltando para os abrigos muitas vezes mais debilitados que antes. As pessoas devem ser conscientizadas para não terem isso como prática. Afinal, um animal não é como um brinquedo descartável, não é uma coisa, que, quando não queremos mais, simplesmente jogamos fora”, argumenta.

“Na realidade, muita gente, ao adotar alguns desses animais dos abrigos, vendo como estão bem cuidados e bonitos, não imaginam o trabalho que podem ter para mantê-los da melhor forma possível. Com isso, acabam cometendo o crime de abandono de animais previsto no artigo 32 da lei 9.605/98, cuja pena vai de 3 meses a 1 ano de detenção e cabe multa. Ainda assim, acho que a pena é branda e pouco aplicada nesses casos”, completa Emanuelle, pincelando detalhes importantes da atual legislação.

### Especiais

Em sua trajetória como protetora, ela conta, ainda, ser frequente receber animais com necessidades especiais. Atualmente, por exemplo, mantém, sob seus cuidados, um cachorro com deficiência visual. Se engana, porém, quem acredita que isso o limita a fazer alguma coisa: o cãozinho tem o faro muito aguçado, uma vida agitada, é esperto, animado e brincalhão. Adora brincar com bolinhas. “Sempre que jogamos uma bolinha ele consegue encontrá-la rapidamente e quer brincadeira! É um grande exemplo de superação e lição de vida para nós; a cada dia aprendemos mais com esses seres de luz”, derrete-se a protetora.

Com o aumento do número de animais abrigados, Emanuelle Elias precisou alugar outro imóvel para acolher melhor os bichinhos e abriu mão de morar em uma casa própria, que dividia com os pais. Mas diz não se arrepende, porque, assim, consegue manter a missão que escolheu para si, de proteger e salvar animais desabrigados.

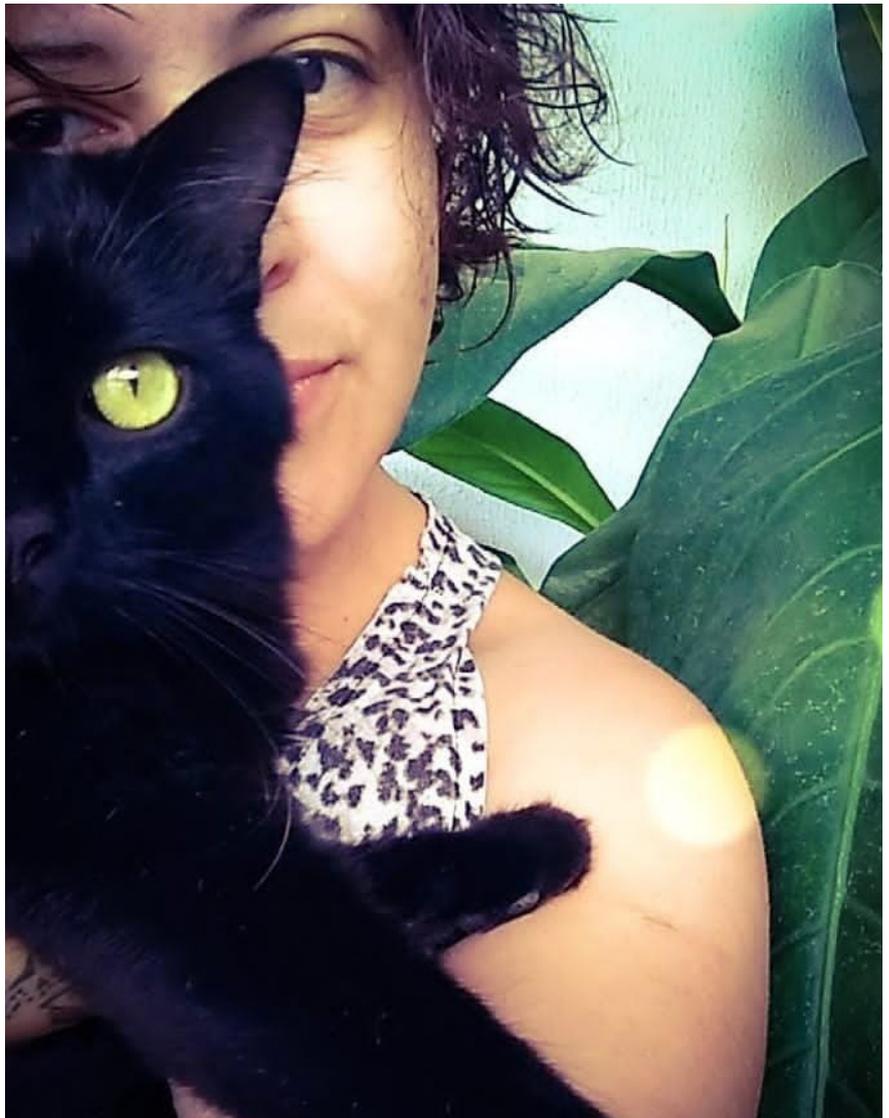
/ COTIDIANO

## Humana de estimação

Gatos. Essa é a grande paixão da universitária Sanmari Ferreira. Com uma boa quantidade de mascotes no currículo, hoje em dia ela é a “humana de estimação” de Ariel e Mafalda, com os quais afirma manter uma relação muito feliz em casa, “principalmente se eles estão de bom humor”.

A tutora dos bichanos lembra que, logo na chegada de Ariel, chegou a fazer o papel de “mãe felina” para manter o gatinho – ainda bem pequeno – confortável. “Todos os dias eu passava gaze umedecido em água morna nos olhinhos do Ariel, para ele abri-los, e sobre o seu corpinho, para simular as lambidas da mãe”, recorda, nostálgica.

Sanmari garante que cada um de seus gatinhos possui sua personalidade e suas características, únicas; e que demonstram temperamento e humor diferentes. Segundo ela, apesar de, hoje, os dois animais conviverem em harmonia, assim que Mafalda chegou, Ariel sentiu-se enciumado. “Analisando bem, ele deve ter pensado que iria perder seu posto de filho único”, avalia a estudante. “Demorou alguns meses, mas, no fim, ele acabou entendendo que precisaria aceitar a irmã”, acrescenta, ensinando que, “como gatos são territorialistas, o ciúme de seus donos com



*A universitária Sanmari Ferreira e o seu ‘filhote’ preto, Ariel: ela conta que chegou a bancar uma “mãe felina” para manter o gatinho confortável*



*Mafalda e Ariel, segundo a “humana de estimação”, têm personalidades e características diferentes, únicas*

outros animais, e até mesmo a presença de outros gatos no mesmo ambiente, podem causar comportamentos rebeldes, até que haja uma compreensão da nova rotina”.

Ariel e Mafalda não são dois “anjinhos comportados” – como ressalta a tutora Sanmari. “Nos dias em que os dois estão mais agitados, coloco algumas táticas em prática para fazer com que entendam que o que estão fazendo é errado. E eles entendem”, assegura. “De qualquer forma, sou muito grata por tê-los. É um amor imenso”, sublinha.

## / COTIDIANO

### Seis anos de entrega

Tânia Maria Nunes Padilha, advogada, dedica-se à causa animal há seis anos. Começou abrigo animais resgatados em sua casa, mas percebeu que, por problemas particulares, e por esse tipo de frente, na luta e na proteção aos animais, exigir muito mais do que poderia dar, buscou outras formas de seguir adiante. De forma independente, passou a reunir grupos de amigos e conhecidos e viabilizar ajudar financeira para abrigos e protetores para a compra de ração, medicamentos, material de limpeza e pagamento de consultas e internações em clínicas veterinárias.

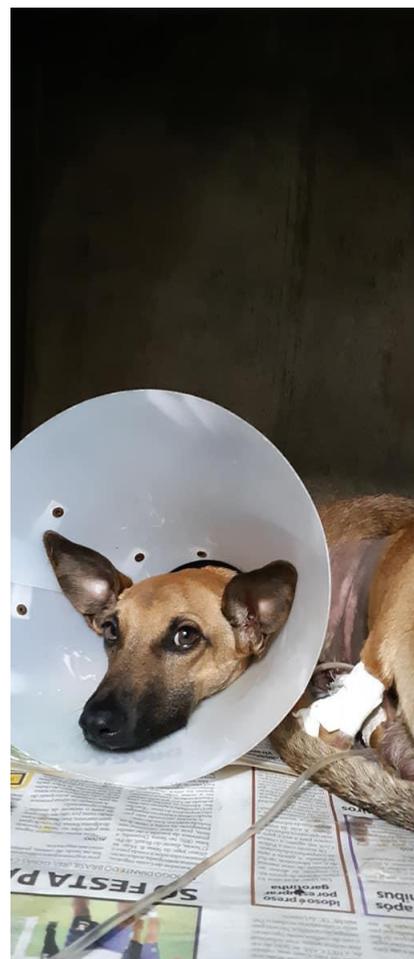
Sozinha, ela recolhe as doações, faz as compras e realiza os pagamentos necessários, sempre com a preocupação de fotografar e fazer vídeos para prestar contas aos colaboradores. “Infelizmente, as doações têm diminuído e, com isso, hoje, só consigo ajudar um único abrigo em Goiânia, com doações de cestas básicas mensais, rações, vacinas e vermífugos”, lamenta a voluntária.

#### **Bob**

Em sua trajetória de apoio à causa, Tânia tem muitas histórias para contar. E algumas ainda a fazem chorar – como a do cãozinho Bob. “Ele foi atropelado no dia 9 de dezembro de



*Tânia e o cãozinho Bob em dezembro de 2018, quando ela o resgatou, vítima de um atropelamento*



*Bob ainda em recuperação, na clínica veterinária: sem socorro, o animalzinho precisou amputar uma das patas da frente*

2018. A pessoa que o atropelou parou o carro e foi até o animal. Pensei que fosse dar socorro, já que o cachorro gritava demais pela dor que sentia. Mas, pelas câmeras, vi que a pessoa responsável pelo atropelamento evadiu do local sem prestar nenhum socorro. Ou seja: esse cão ficou aos gritos na calçada! Não suportei: fui até o local, resgatei e levei para a clínica veterinária onde meus cães são tratados”, recorda.

Segundo Tânia, pelos ferimentos sofridos com o atropelamento, foi “praticamente um milagre” o animalzinho ter sobrevivido. Bob teve toda a

assistência na clínica, sofreu dias de muita dor, e, infelizmente o quadro evoluiu para a amputação da pata dianteira esquerda – isso, além de uma fratura da pata dianteira direita e vários cortes profundos pelo corpo. “Mas ele sobreviveu, tem uma vida limitada com três patas, sim, porém, foi adotado por uma senhora de 78 anos, é amado e tem um lar onde recebe todo o carinho necessário para viver feliz e protegido”, relata a advogada, que acabou adotando Bob, de certa forma: “Minha mãe ficou com ele e eu cuido dele para ela”.

## Para sempre Moby

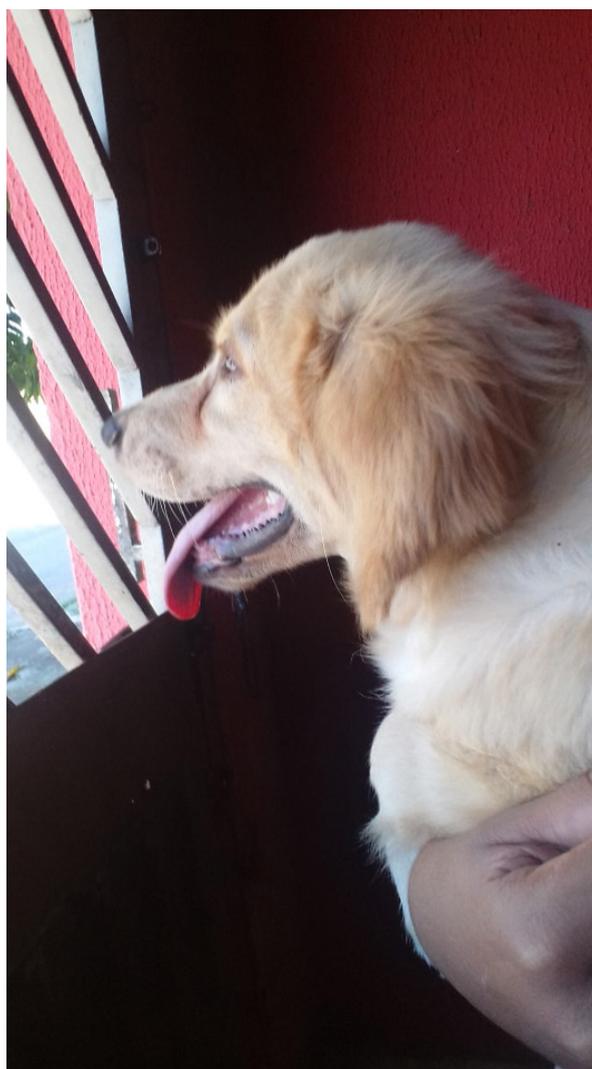
O primeiro cachorro da vida de Iris Pereira, de 20 anos, se chamava Moby. O cão, da raça Golden Retriever, foi se tornando seu maior companheiro e, com o passar do tempo, tornou-se também parte de sua família. De porte grande, de pelos dourados e com uma cara de quem sempre estava aprontando, Moby com certeza era o animal mais atrapalhado do mundo. Apesar de 'bagunceiro', somou grande importância na vida de sua irmã, que sofria com depressão.

“Era visível o quanto minha irmã melhorava e esse processo de recuperação aproximou-a também do Moby. As crises de ansiedade e de pânico dela foram sendo amenizadas pelo carinho e atenção que ela dispensava ao Moby e pelo ao amor dele por ela”, conta Iris.

Dias se passaram e as duas irmãs decidiram presentear o cão com o primeiro banho em um pet shop. No estabelecimento, no ato do banho, Moby - que nunca havia sido acostumado a pet shops - sofreu um ataque cardíaco e não resistiu. Iris e a irmã ficaram desoladas ao saberem que o companheiro querido não voltaria mais para a casa ... Mas ele permanece - e permanecerá eternamente - vivo, fazendo festa no coração das meninas.



*Iris Pereira e Moby em um dos inesquecíveis passeios antes de o cão sofrer um ataque cardíaco durante o banho em um pet shop. Ele não resistiu*



*O Golden Retriever Moby foi o primeiro companheiro de quatro patas da vida de Iris e de sua irmã*